

# O automóvel e o Estado soberano

VILÉM FLUSSER

Em artigo publicado na FOLHA no dia 19 de março, datado de Paris, é discutida a tese de Jean-François Revel, segundo a qual o Estado-Nação estaria desaparecendo. A argumentação de Revel é, creio, esta: ou desaparecerá o estado soberano, ou desaparecerá a humanidade. A humanidade desaparecerá, porque o conceito da soberania implica relações internacionais incontroláveis, e tal tipo de relação implica suicídio da humanidade. E já que a humanidade não pode desaparecer, desaparecerá a soberania. A argumentação tem pois por premissa que o que não deve ser não pode ser, e o desejo é o pai do argumento todo. Mas é possível melhorar-se o argumento reveliano. Assim:

Há indícios que o estado soberano não apenas deve desaparecer, (coisa discutível), mas está efetivamente desaparecendo, (coisa inegável). E uma das causas do desaparecimento é o automóvel. O palco principal de tal acontecimento prenhe de significado é a Europa. A civilização sobre rodas passa por cima da soberania, e a soberania é uma das muitas vítimas do trânsito nas auto-estradas. A transformação das fronteiras nacionais em lugares de engarrafamento, e a transformação dos regimentos fronteiriços de defensores da pátria em agentes do trânsito, está abrindo uma nova era nas relações humanas.

O automóvel, embora invenção europeia, caracteriza a civilização norte-americana. A sua estrondosa vitória na Europa dos anos 50 pode ser pois interpretada como americanização da Europa. Mas tem na Europa consequências muito mais importantes que as que teve nos Estados Unidos. Coisa semelhante ocorreu com as revoluções do século 18. A Revolução americana foi inventada na Europa. Venceu na França muitos anos mais tarde. Mas teve na França efeitos maiores que nos Estados Unidos. A explicação é esta: nos Estados Unidos eventos novos apenas criam situações novas. Mas na Europa os mesmos eventos também derrubam situações velhas, coisa muito mais importante. Assim a revolução burguesa apenas instaurou a ordem burguesa nos Estados Unidos, mas na Europa também derrubou o feudalismo. E o automóvel apenas instaurou a civilização sobre rodas nos Estados Unidos, mas na Europa está também derrubando a soberania. Creio que Revel não considera tal diferença fundamental ao falar na sua já famosa "revolução americana". Em seu americanismo é mais católico que o Papa.

O automóvel tem, na Europa, entre outros o seguinte efeito: o cidadão médio, (portanto o proletário aburguesado), passa a conhecer vários países. Pois nada enfraquece o nacionalismo mais que o conhecimento de outros povos. O alemão que se acostumou a passar suas férias na Costa Brava, e atravessa portanto todo ano a França, olha com incompreensão total, para não dizer com vergonha, os infundáveis tumulos dos seus avós heroicos que beiram a "autoroute" entre Metz e Verdun e que mais tarde cedem lugar a restaurantes que servem comida francesa com cardápios em alemão e com preços em marcos. E coisa semelhante se dá com o cidadão francês que passa suas férias em Garmisch, com o holandês em Cortina, e com o italiano em Middlekerke. O Mercado Comum é em parte a causa, mas principalmente é o efeito disto.

O próximo passo é este: Os pais turistas mandam os filhos estudar alguns meses no estrangeiro. Pois imaginem que aí o menino alemão descobre que Carlos Magno não é alemão, e a menina francesa que ele não é francês, e finalmente o menino inglês, que Carlos Magno é importante. O menino italiano descobre que existe poesia inglesa tão boa quanto a italiana, e o menino francês descobre que o gótico existe também na Espanha. O efeito revolucionário desta série de descobertas inacreditáveis será inevitavelmente a europeização das culturas nacionais, e um pouco mais tarde a cosmopolitização da cultura. O Mercado Comum é apenas o primeiro passo tímido dado pelos pais de tais meninos. Estamos assistindo, muito provavelmente, ao nascimento da humanidade supranacional, portanto ao contrário das Nações Unidas.

Isto na Europa, (do lado de cá, mas também do lado de lá da ex-cortina). Mas nos demais continentes? Falemos apenas no sul-americano. Também na América do Sul o automóvel está embelezando a cena, embora forme apenas densos nós em algumas cidades, nós ligados entre si precariamente por poucas estradas. Tal situação parece querer favorecer a soberania, e, com efeito, a cena se apresenta assim a um observador apressado. Mas existem leis internas do automóvel, que fazem com que se multiplique geometricamente. A explosão demográfica dos automóveis, é menos evitável que a explosão demográfica dos povos. (Supondo que existe alguém que deseja evitar uma, ou outra, ou ambas). De modo que a situação automobilística americana e europeia surgirá, de uma ou outra forma, necessariamente também na América Latina. Necessariamente choferes de caminhão paulistanos terão namoradas em Buenos Aires em futuro previsível, e bancários uruguaios passarão suas férias à beira da futura Rio-Santos. Churrascos argentinos serão servidos em Salvador, (e não apenas em Pôrto Alegre), e xinxin de galinha será prato comum em Montevideo. Necessariamente. De modo que a recente visita do presidente Lanusse a Brasília deve ser lida, também, tendo este fato por pano de fundo.